

DA PERCEPÇÃO DA LUZ À ARTE SOCIALMENTE ENGAJADA

FROM THE PERCEPTION OF LIGHT TO THE SOCIALLY ENGAGED ART

Rita Demarchi / IFSP
Ana Carmen Nogueira / UPM
Solange Utuari / UPM

RESUMO

Perceber, sentir, pensar e criar são ações presentes e simbióticas em processos artísticos desde sempre. Na trajetória das Artes Visuais, cores e luminosidade são trazidas em pinceladas ou na projeção por meio de ferramentas que, em comparação ao longo do tempo histórico, foram recém inventadas. Este artigo propõe apresentar uma reflexão sobre acontecimentos artísticos que mudaram a maneira de produzir, apreciar e propagar a arte. Tendo como foco o uso de tecnologias, em especial, experiências cromáticas e luminosas, traz aspectos da arte participativa e socialmente engajada.

PALAVRAS-CHAVE

Percepção; Luz; Arte participativa; Arte socialmente engajada.

ABSTRACT

Perceiving, feeling, thinking and creating are present and symbiotic actions in artistic processes since the beginning of time. In the trajectory of the Visual Arts, colors and luminosity are brought in brushstrokes or in the projection by means of tools, that in comparison with the historical time, were newly invented. This article proposes to present a reflection on artistic events, which changed the way of producing, appreciating and propagating art. Focusing on the use of technologies, in particular, chromatic and luminous experiences, also bringing aspects of participatory and socially engaged art.

KEYWORDS

Perception; Light; Participatory art; Socially engaged art.

Introdução: O desejo e o convite



Figura 1. Sol da meia-noite, 2017. Olafur Eliasson (1967). Instalação luminosa com espelhos.
Foto: Jens Ziehe, 2017. Acervo do artista disponível em:
<<https://olafureliasson.net/archive/artwork/WEK110449/midnight-sun#slideshow>>,
acesso em 6 jun. 2019.

*Escrevo diante da janela aberta.
Minha caneta é cor das venezianas:
Verde!... E que leves, lindas filigranas
Desenha o sol na página deserta!
(Mário Quintana, 2005, p.19)*

As palavras do poeta Mário Quintana nos evocam a presença de um “sol na página deserta”, desenhado em “linhas filigranas”, uma manifestação estética e artisticamente relevante do poeta. Entretanto, alguns artistas cobijaram ir além, partir para a conquista da luz em sua materialidade poética. Para tanto, as tecnologias criadas, impulsionadas, talvez, pelo desejo de melhorar a vida, lograr êxito tecnológico, poder capital, social e outras intenções, alimentaram anseios artísticos de não se prender à representação visual.

Nessa esteira, outras atitudes de artistas são desdobradas, sobretudo a partir de meados do século XX, que vão além das relações criador/criação/obra. Atitudes artísticas que, impulsionadas pelo desejo em libertar o apreciador de sua condição meramente contemplativa, ampliam possibilidades de fruição. Convites a outras experiências e vivências de percursos poéticos, estéticos e criativos que colocam o

público em outro papel: o de coautor da obra de arte, seja na sua criação, seja por meio da interação com ela no espaço expositivo ou para além desses.

No presente artigo, intencionamos refletir sobre algumas propostas artísticas que representam mudanças na maneira de produzir, apreciar e propagar a arte. Tendo como foco o uso de tecnologias, em especial, as que possibilitam o domínio da luz artificial, envolvem experiências cromáticas e luminosas, somadas à reflexão sobre aspectos da arte participativa e socialmente engajada.



Figura 2., Little Sun (Solzinho ou pequeno sol), 2012. Olafur Eliasson (1967) Addis Ababa, 2012.
Photo: Merklit Mersha. Lâmpada luminosa solar. Acervo do artista disponível em site oficial:
<<https://olafureliasson.net/archive/artwork/WEK107424/little-sun#slideshow>> acesso em 6 jun. 2019.

Em nossa análise trazemos algumas obras e artistas de diferentes épocas e vamos nos deter no trabalho do artista dinamarquês Olafur Eliasson (1967) conhecido por suas esculturas, intervenções em espaços expositivos e urbanos e projetos colaborativos.

Cor e luz: experimentações científicas e sensoriais.

É da natureza humana criar. As invenções propostas para o cotidiano pela ciência, muitas vezes, influenciaram criações na arte. Ao pensar sobre a trajetória da luz artificial, vemos que as velas exerceram importante papel, já eram usadas desde a

antiguidade, mas, durante muito tempo, não eram acessíveis a toda população, eram caras e nem todos podiam ter este recurso luminoso artificial. Com o passar dos tempos, os alquimistas, por meio de seus experimentos, desenvolveram vários materiais que tinham aromas mais agradáveis do que os óleos e sebo de carneiro ao queimar e produziam luz por mais tempo. Esse novo material passou a ser vendido nas ruas a valores mais acessíveis à população o que fez com que a vela e sua qualidade luminosa ficassem mais populares. Isso mudou a forma de ver, perceber e significar a noite.



Figura 3. São José, o carpinteiro, de Georges de La Tour (1593-1652). Realizado entre 1638 e 1645, Óleo sobre tela. Altura: 1,37 m; Largura: 1,02 m. Acervo: departamento de Pinturas francesas do Museu Louvre, Paris, França.



Figura 4. Parábola do rico. 1627, Rembrandt van Rijn (1606-1669), óleo sobre painel de carvalho, 32 x 42,5 cm (12,6 x 16,7 in), Acervo: Staatliche Museen, Gemäldegalerie, Berlim, Alemanha.

Para Vanin (2005, p.21), os alquimistas, à parte de toda especulação esotérica a seu respeito, desenvolveram importantes “trabalhos em laboratórios, executando experiências e acumulando observações” as quais levaram a pesquisas químicas que viabilizaram os processos de fabricação de produtos que estão ainda presentes em nosso cotidiano. A fabricação de velas em grande escala e por preços mais acessíveis, a partir do século XIV na Europa, partiram de investigações alquímicas e artesanais.

Na História da Arte, destacamos a produção de artistas barrocos, como Georges de La Tour (1593-1652) e Rembrandt van Rijn (1606-1669), que aproveitaram a iluminação de ambientes a partir de luzes artificiais de velas para criar uma paleta de cores em tonalidades entre os amarelos intensos, alaranjados, vermelhos, ocre, sépia e os mais variados tons de marrons que mostram os caminhos entre luzes e sombras.

Mais à frente na história, são bem conhecidas as visões noturnas pelo olhar de artistas, como Vincent Van Gogh (1853-1890) que além de olhar para as luzes naturais da noite, também percebeu o potencial cromático e dramático de luzes artificiais de velas e lampiões.



Figura 5. Título: Comedores de batata (Local de criação: Nuenen, Holanda entre 1885 e 1885). Vincent Van Gogh (1853-1890). Óleo sobre tela, Dimensões físicas 82 cm x 1,14 m. acervo: Museu Van Gogh, Amsterdã, Holanda.

Na modernidade, no Ocidente, sobretudo na Europa, a luz artificial tem um papel muito importante na vida social, dando condições ao desenvolvimento da indústria, influenciando no rumo da cultura, da ciência e das artes, em geral. Se antes tínhamos a cor química, a tinta na tela para a representação da luz em diferentes contextos, épocas, intenções poéticas e artísticas, no século XX, chegamos aos objetos e instalações luminosas nascentes da percepção da potência criativa e poética a partir da materialidade das lâmpadas elétricas. No Brasil, podemos citar as experiências de pinturas luminosas e cinéticas de Abraham Palatnik (1928) nomeadas pelo crítico Mario Pedrosa (1900-1981) como propostas “cinecromáticas”.

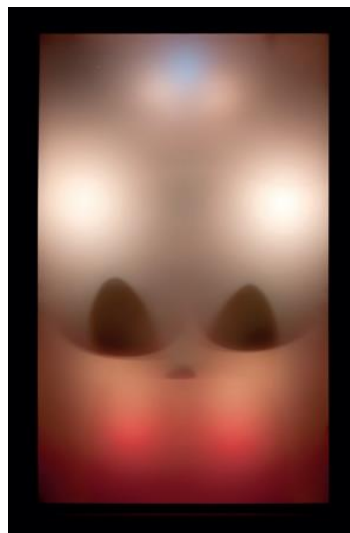


Figura 6. Título: Aparelho cinecromático. Abraham Palatnik, 1969. Madeira, metal, tecido sintético, lâmpadas e motor, 112 cm x 70 cm x 20 cm. Abraham Palatnik. 1969. Motor engrenagens e lâmpadas. Art Unlimited, São Paulo. Foto: Vicente de Mello

Como vemos, a ciência e a arte estabelecem profundos diálogos, das experimentações dos alquimistas à invenção atribuída oficialmente a Thomas Edison (1847-1931), as percepções e sensações luminosas provocam mais ideias germinadoras de propostas artísticas contemporâneas nesse sentido. A obra de Palatnik, citada acima, traz um mecanismo que pode ser ativado pelo público da exposição, de maneira que este artista, assim como outros de seu tempo, deu início a diferentes ações propositivas, como convites ao outro para interagir em suas experiências “cinecromáticas”.

Em várias partes do mundo, a arte contemporânea nos oferece experiências que se integram em cromáticas, cinéticas luminosas e participativas. Obras que solicitam ao público viver sensações e a pensar sobre o efeito da luz em nossas vidas. Propostas que trabalham com as potencialidades poéticas, expressivas, simbólicas e até mesmo utilitárias da luz.

Percebemos e estamos no mundo: proposições de Olafur Eliasson.

O artista dinamarquês-islandês Olafur Eliasson (1967) esteve no Brasil em 2012, com a exposição *Olafur Eliasson: Seu corpo da obra*, primeira individual do artista na América Latina que reuniu instalações e vídeos em três diferentes espaços da cidade de São Paulo (Pinacoteca, SESC Belenzinho e SESC Pompéia). Todos os trabalhos integraram o 17º Festival Internacional de Arte Contemporânea SESC_Videobrasil. Suas instalações interativas e participativas são exemplos que trazemos para analisar caminhos trilhados por vários artistas atuais que buscam, cada vez mais, tornar suas produções interativas, participativas e socialmente engajadas.

O uso de materiais que refletem imagens e luzes, efeitos luminosos e transparências, instalações, *sites specifics* e intervenções e propostas coletivas nos espaços expositivos e urbanos são correntes na obra deste artista.

Para fazer a Instalação *The Weather Project* (O Projeto clima/tempo) na Tate Modern, Londres (2003), Olafur Eliasson (1967) utilizou umidificadores para criar uma névoa fina no ar e centenas de lâmpadas para irradiar luzes em cores que sugerem a presença da luz solar. No teto do “Turbine Hall” da Tate Modern, foi colocado um enorme espelho para que as pessoas deitadas no chão da instalação vissem o seu reflexo. A proposição de trazer o sol, luz acolhedora, mesmo que de forma artificial, para as pessoas que, no período do inverno europeu, ficam sem esse calor e luminosidade, incentivou o artista a pensar sobre o valor da luz para as pessoas em outros contextos sociais e cantos do mundo, como veremos adiante.



Figura 7. Título: The Weather Project (Projeto Tempo) 2003. Olafur Eliasson. Instalação realizada no espaço da Tate Modern, Londres. Disponível em: < <http://www.artists4climate.com/wp-content/uploads/2015/01/Olafur-Eliasson-12.jpg> > acesso em 6 jun. 2019.

Na instalação, *O The Weather Project* (o Projeto clima/tempo), Eliasson nos fala do clima – vento, chuva, sol – que ele vê como os encontros fundamentais da natureza com a cidade e sua população. Esses projetos idealizados por Olafur levam as pessoas a refletirem sobre suas sensações e mudanças na vida.

Esse interesse em como percebemos/habitamos o mundo por meio de elementos essenciais em nosso cotidiano, como clima, luz solar, e até mesmo, luzes artificiais, vai sendo aprimorado até que, em 2012, tem-se o início de um processo mais amplo que envolve além da arte, a ciência, engenharia e economia social¹.

Em vídeo no *site* oficial do artista², Olafur nos diz que trabalha com experiências e que essas experiências são feitas de percepções. Em vista disso, seu trabalho se baseia em como são criadas nossas percepções. Olafur nos pergunta: de que maneira sabemos o que percebemos? Como podemos amplificar nossas percepções? Em projetos como *The Weather Project* o artista foca seu interesse na luz, na energia, no sol e no quanto dependemos da luz solar para viver e como não nos damos conta disso. Por isso, começou a desenvolver uma ideia de como capturar a luz solar e compartilhá-la com pessoas que vivem em locais de difícil

DEMARCHI, Rita; NOGUEIRA, Ana Carmen; UTUARI, Solange. Da percepção da luz à arte socialmente engajada, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 2323-2338.

acesso à energia elétrica. Foi dessa maneira que idealizou e desenvolveu em processos colaborativos o projeto *Little Sun* (Pequeno Sol).



Figura 08. *Little Sun* de 2012 Foto: Michael Tsegaye de 2012. Disponível em:< <https://olafureliasson.net/archive/artwork/WEK107424/little-sun>> acesso em: 6 jun.2019.



Figura 9. Título: Graffiti de luz solar, 2012 . Olafur Eliasson. Tate Modern, Londres, 2012. Disponível em:< <https://olafureliasson.net/archive/artwork/WEK107424/little-sun> > acesso em: 6 jun. 2019.

O projeto *Little Sun* (Pequeno Sol) é uma extensão do trabalho artístico de Olafur Eliasson que se propõe a provocar mudanças em várias partes do mundo, à medida em que as pessoas adquirem (pelo *site*, exposições ou lojas) uma pequena lâmpada solar portátil de alta qualidade, com o *design* criado pelo próprio artista e pelo engenheiro Frederik Ottesen. Em posse deste pequeno objeto luminoso é possível, a partir do repertório e interesse de cada pessoa ou grupo, criar coreografias, performances, instalações luminosas, *light painting*, intervenções e outras atitudes artísticas. Também há iniciativas em escolas na criação de experiências e projetos

educacionais envolvendo investigações e produções artísticas e científicas. Outra dimensão do Projeto *Little Sun* é o uso utilitário da lâmpada, tanto em cidades e casas de pessoas que têm acesso à energia elétrica, como em localidades em que o acesso à luz artificial (pela eletricidade, sistema solar ou outros) ainda é ausente, ou muito caro, escasso ou falho. Também de acordo com as informações contidas no *site* oficial do Projeto *Little Sun*³, outra dimensão desse projeto se baseia no contexto da economia social, oferecendo a lâmpada *Little Sun*, um objeto artístico e funcional a um baixo custo para populações ou grupos sociais em localidades com dificuldades de acesso a sistemas de energia e iluminação.

O propósito do artista e de seus colaboradores é que, quando a lâmpada de energia limpa (luz solar) *Little Sun* chegue a algum local do mundo, esse objeto artístico e luminoso provoque conversas sobre a arte pela sua força estética e poética, e que também possibilite transformações sociais e debates sobre o planeta, seus problemas e tudo que neste lugar vive. O que se divulga no *site* do projeto é a ideia de uma pequena luz, mas potente e resistente, que possa desencadear transformações:

(...)é uma obra de arte que funciona na vida. Com ela a luz se torna um veículo para afetar a mudança na vida cotidiana das pessoas em todo o mundo, proporcionando uma maneira de viver mesmo que não possua energia elétrica. (...)A *Little Sun* é ao mesmo tempo um projeto global, um negócio social e uma maneira de conectar o mundo através do compartilhamento de luz, tornando a energia solar acessível a todos. (Projeto *Little Sun*, 2012)⁴.

Compreendemos que proposições artísticas como essa enquadram-se nas categorias de arte participativa e socialmente engajada (HELGUERA, 2011). Um encontro entre a luz, arte e pessoas que cria um tempo e espaço oportunos para deflagrar discursos poéticos e socialmente comprometidos com as problemáticas do humano no mundo contemporâneo.

Um ponto importante acerca do engajamento a que se propõe é que o projeto *Little Sun* se coloca como alinhado aos 17 objetivos de Desenvolvimento Sustentável⁵ pronunciados pela ONU, conforme mencionado no *site*:

DEMARCHI, Rita; NOGUEIRA, Ana Carmen; UTUARI, Solange. Da percepção da luz à arte socialmente engajada, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 2323-2338.

Nós vislumbramos um futuro em que o número de pessoas sem acesso à energia limpa e sustentável cairá de 1,1 bilhão para zero. Acreditamos apaixonadamente no acesso à energia para todos - melhorando a saúde, a educação, a igualdade de gênero e a sustentabilidade ambiental - alinhando-nos aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, conforme delineados pela ONU. (texto disponível em: <https://littlesun.com/impact/> Acesso em 08 jun.2019)

A seguir, traremos algumas reflexões sobre conceitos que envolvem as propostas artísticas que requisitam a participação do público e que têm sido estudadas por diversos teóricos e artistas.

Arte propositora, participativa e socialmente engajada

Segundo o artista, curador e crítico de arte Helguera (2011, p.35-36), “a arte socialmente engajada, como uma categoria da prática, é ainda um trabalho em construção.” No final do século XX, a arte que buscava uma maior interação social era chamada de estética relacional, comunitária, participativa, colaborativa, dialógica, pública dentre outras nomenclaturas indicativas de que o artista deixa de ser um visionário iluminado e passa a ser um crítico consciente que trabalha com a sociedade. A referência explícita à “prática social” aparece mais recentemente, e a arte socialmente engajada entra em confronto com a estrutura do mercado capitalista do mundo da arte. O artista passa a trabalhar em projetos colaborativos com ideais democráticos renunciando ao culto individual do artista e à autoria.

Os artistas socialmente engajados podem e devem desafiar o mercado artístico na tentativa de redefinir a noção de autoria, mas, para tanto, devem aceitar e afirmar sua existência no domínio da arte como artistas. E os artistas que são atuadores sociais devem aprender a não se importar com as acusações comuns de que não são artistas, mas sim antropólogos, sociólogos “amadores”. A arte socialmente engajada trabalha na relação com sujeitos e problemas que, normalmente, pertencem a outras disciplinas, movendo-os temporariamente para um espaço de ambiguidade. (HELGUERA, 211 p.36).

Helguera explica que, para compreender a “arte socialmente engajada”, é preciso fazer uma distinção entre dois tipos de prática de arte: simbólica e real. O simbólico, segundo Helguera (2011, p.37), são obras que foram criadas para lidar com

representações simbólicas, metafóricas de um problema ou uma ideia, mas não manipula uma situação social para alcançar um determinado fim.

Seguindo o seu pensamento, a maioria dos artistas que produz obras socialmente engajadas está interessada em criar um tipo de arte coletiva que impacte a esfera pública de maneira profunda e significativa, e não uma representação, como uma peça teatral, sobre uma questão social. A arte socialmente engajada é constituída por um conjunto de ações como o *Sun Light* de Olafur Eliasson, que se propõe a facilitar o acesso à luz para quem não a possui que, para além de sua simbologia, é também conscientização, ação, uma prática real.

Lembrando da nossa história em relação aos acontecimentos artísticos que trouxeram iniciativas na linha de arte propositora, podemos alocar, em sua gênese, a obra da artista Lygia Clark (1920-1988). Ela dizia que a obra de arte morre enquanto convite à contemplação e renasce como proposição, ideia materializada em suas inovadoras propostas. É a própria artista que coloca (CLARK apud MILLIET, 1992, p. 143):

Nós somos os propositores: nós somos o molde, cabe a você soprar dentro dele o sentido da nossa existência. Nós somos os propositores: nossa proposição é o diálogo. Sós, não existimos; estamos à sua mercê. Nós somos os propositores: enterramos a obra de arte como tal e chamamos você para que o pensamento viva através de sua ação. Nós somos os propositores: não lhe propomos nem o passado nem o futuro, mas o agora.

Tanto quanto Lygia Clark, consideramos como um artista propositor seminal Hélio Oiticica (1937-1980), e aqui trazemos como exemplo os seus Parangolés (FAVARETO, 2014). Oiticica convidava o público a “vestir arte” em espaços de manifestações populares, na rua, na praça, do lado de fora dos museus. Sentindo suas formas e texturas, o espectador capturado era levado a viver uma experiência sensorial, estética, uma arte vivencial, transgressora e propositora, que liberta e trabalha com o acaso da criação na parceria entre artista e público. Nessas ações, para que a obra se completasse, era fundamental que houvesse um movimento de interação e poética entre proposta artística e ação do espectador participante.

Ambos os artistas, assim como Palatnik, encontram-se no bojo do importante movimento brasileiro Neoconcreto que, na década de 1960, propôs abertura para novos debates e sobretudo novas ações em que os artistas buscavam ampliar a ideia de arte como experiência estética, expressiva. Arte enquanto linguagem em fluxo com a vida e com a cultura. Esses artistas percebiam a arte como a criação de um espaço para discursos poéticos que pudessem ser lidos pelos olhos e pelo corpo; desejavam que o público tivesse uma atitude mais ativa diante das obras.

A crítica Claire Bishop traz uma obra fundamental *Artificial Hells* (2012), na qual faz um estudo aprofundado sobre a arte no final do século XX, a partir da análise de vários projetos de artistas como Tania Bruguera (1968) e Paul Chan (1973). Bishop se soma ao pressuposto de que a arte participativa implica o envolvimento de muitas pessoas, isso pode se referir a pinturas engajadas, a ações de intervenções em diferentes meios de comunicação de massa. A participação se refere, segundo essa autora, em encontros do artista onde são criadas situações de aproximação do objeto da arte e o público. O artista se torna colaborador a produzir situações que exigem a participação do público, saindo da condição de espectador para participante. Um aspecto importante é a valorização do processo e do que não é visível:

a arte participativa de hoje costuma se esforçar para enfatizar o processo em detrimento de uma imagem, conceito ou objeto definido. Tende a valorizar o que é invisível: uma dinâmica de grupo, uma situação social, uma mudança de energia, uma consciência elevada. Como resultado, é uma arte dependente da experiência de primeira mão e, de preferência, de longa duração (dias, meses ou até anos). (BISHOP, 2012, p.6. Tradução livre).

De alguns anos para cá, nota-se que, de maneira ampla, diversos teóricos pesquisadores, críticos, artistas e educadores têm se debruçado a desvendar, refletir e criar propostas nesse campo. Além dos já citados, Mônica Hoff Gonçalves (2012) e Nato Thompson (2012), entre outros, ampliaram as discussões conceituais sobre essas vertentes artísticas que aqui trouxemos. Temas aqui abordados também foram trazidos ao debate no *4º Simpósio de formação de educadores:*

contaminações interdisciplinares com arte na pedagogia e na mediação cultural (2018), realizado pelos grupos de pesquisa GPeMC (Grupo de pesquisa Mediação Cultural: provocações e contaminações estéticas) e GPAP (Grupo de pesquisa Arte na Pedagogia) liderados pela Professora Dra. Mirian Celeste Dias Martins. O texto que comunica uma pesquisa iniciante sobre o giro educacional (NOGUEIRA, ABARKELI, DEMARCHI, MARTINS, 2019) integra a publicação do evento.

Considerações: luzes que trazem perguntas e continuidade do caminho

Ao colocar o projeto *Little Sun* como uma interessante proposta de arte socialmente engajada que, segundo informações obtidas em sua página oficial, se propõe a estabelecer relações entre arte, educação, meio ambiente e ajuda humanitária, por vezes com a presença de um discurso utópico, assumimos também a necessidade de ter cautela em não o considerarmos como uma iniciativa “infalível” ou “salvadora”. De nosso ponto de vista, há que se considerá-la como uma instigante proposição, que pede para ser analisada com profundidade e em outras fontes, o que não nos foi possível nesse momento, pois nos detivemos nas informações do próprio *site* do projeto.

O que nos motivou a investigar esse projeto foi, em primeiro lugar, o contato com o objeto em si. A partir desse pequeno objeto de fonte de luz renovável começamos a descobrir aberturas que ele oferece: é possível criar instalações artísticas; pode ser adquirido em qualquer parte do mundo pelo *site*; está ligado a organizações que trabalham com pessoas que não têm acesso à energia elétrica; incentiva as pessoas mais favorecidas socialmente a valorizar a energia limpa; colabora com a chegada de luz para populações que não a tem; nos faz pensar em como, dentro de nossa realidade, em um país com tantas desigualdades, poderia colaborar levando energia limpa e autossustentável a quem não a possui.

Pensando nisso, nós, como professoras pesquisadoras, nos perguntamos: como essas ações de arte propositivas, participativas e socialmente engajadas impactam as ações educativas, nossas aulas, nosso fazer artístico, nossa consciência de

cidadãos do mundo que refletem, procuram acompanhar os impactos, resultados e ressonâncias da arte, tecnologia, relações humanas, ações sociais, políticas e econômicas no mundo? Qual o nosso papel diante da complexidade de nossos tempos? O que a educação e as políticas públicas podem e devem fazer diante da necessidade contemporânea de desenvolver o senso de equidade e ampliar acesso às oportunidades? Estamos conectados na busca de soluções de problemas alinhados aos 17 objetivos de Desenvolvimento Sustentável⁶ pronunciados pela ONU?

Essas e outras perguntas nos instigam e alimentam para uma pesquisa maior e mais detalhada do que pode a arte e do que podemos com ela para um mundo mais digno e sustentável.

Notas

¹ Sobre o conceito de economia social ver o estudo aprofundado em CAEIRO, Joaquim Manuel Croca. Economia social: conceitos, fundamentos e tipologia. *Rev. katálysis*, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 61-72, June 2008. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-49802008000100006&lng=en&nrm=iso>, acesso em 09 jun. 2019.

² VIDEO/ OLAFUR ELIASSON / Projeto *Little Sun* (2012): disponível em: <<https://olafureliasson.net/archive/artwork/WEK107424/little-sun>>, acesso em 4 jun. 2019.

³ PROJETO LITTLE SUN: disponível em: <<https://olafureliasson.net/archive/artwork/WEK107424/little-sun>>, acesso em 4 jun. 2019.

⁴ Sobre a propostas e extensões do projeto *Little Sun*, ver texto disponível em: <<https://olafureliasson.net/archive/artwork/WEK107424/little-sun>>, acesso em 4 jun. 2019.

⁵ Para saber mais sobre os 17 objetivos de Desenvolvimento Sustentável, ver informações no site disponível em: <<https://www.un.org/sustainabledevelopment/sustainable-development-goals/>>, acesso em 08 jun. 2019.

⁶ Sobre os 17 objetivos de Desenvolvimento Sustentável e a presença em currículo consultar o texto: temas inspiradores do currículo da cidade. In: São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. *Currículo da cidade: Educação de Jovens e Adultos: Arte*. – São Paulo: SME / COPED, 2019.p. 33 a 37. Disponível em: <<http://portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/Portals/1/Files/51188.pdf>> acesso em 01 jun. 2019.

Referências

BISHOP, Claire. **Artificial Hells Participatory Art and the Politics of Spectatorship**. London, Verso, 2012.

CLARK, Lygia. **Nós somos os propositores**. Disponível em: <http://www.lygiaclark.org.br/arquivo_detPT.asp?idarquivo=25>. Acesso em 30 jun. 2018.

FAVARETTO, Celso. **Tropicália alegoria alegria**. 3. ed. São Paulo: Ateliê, 2000.

GONÇALVES, Monica Hoff. **A virada educacional nas práticas artísticas e curatoriais contemporâneas e o contexto de arte brasileiro**. Dissertação de Mestrado, Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.

DEMARCHI, Rita; NOGUEIRA, Ana Carmen; UTUARI, Solange. Da percepção da luz à arte socialmente engajada, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 2323-2338.

HELGUERA Pablo e HOFF, Mônica (Org.). **Pedagogia no campo expandido**. Porto Alegre: Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul, 2011.

MILLIET, Maria Alice. **Lygia Clark**: obra e trajeto. São Paulo: Edusp, 1992.

NOGUEIRA, Ana Carmen; ABARKELI, Mariane; DEMARCHI, Rita; MARTINS, Mirian Celeste (Orgs). **Mediação Cultural: uma pesquisa em processo movida pelo giro educacional**. In: MARTINS, Mirian Celeste; LOMBARDI, Lucia; FARIA, Alessandra (Org.). **Formação de educadores: contaminações interdisciplinares com arte na pedagogia e na mediação cultural**. São Paulo: Terracota, 2019.

PEDROSA, Mário. **Intróito à Bienal**. In: AMARAL, Aracy (org.). **Projeto Construtivo Brasileiro na Arte**. Rio de Janeiro, MAM 1977. p.170.

QUINTANA, Mário. **A Rua dos Cataventos**. Porto Alegre: Globo Editora, 2005

THOMPSON, Nato, **Seeing Power: Art and Activism in the 21st Century**. Melville House, 2012.

VANIN, J. A. **Alquimistas e químicos: o passado, o presente e o futuro**. 2. Ed. São Paulo: Moderna, 2005.

Rita Demarchi

Professora no IFSP/ Instituto Federal de Educ. Ciência e Tecnologia de S. Paulo. Doutora em Educ. Arte e História da Cultura - Mackenzie; Mestre em Artes Visuais - Instituto de Artes UNESP; Especialização em Ensino de Arte - USP. Atuou em diversos contextos da educação básica, superior e não-formal. Pesquisa experiência estética e encontros com a arte. Produz pinturas, ensaios literários e fotográficos. Contato: ritademarchi@hotmail.com

Ana Carmen Nogueira

Artista, Educadora e Arteterapeuta. Graduada em Ed. Artística – FAAP; Especialização em Educação Especial – UNICID; Arteterapia - Centro Universitário FIEO. Doutoranda e Mestre - Programa de Educação, Arte e História da Cultura - Universidade Presbiteriana Mackenzie. Desenvolve pesquisa sobre pintura encáustica e arteterapia. Contato: anacarmenn@gmail.com

Solange Utuari

Educadora, escritora e artista visual. Doutoranda em Educação, Arte e História da Cultura na Universidade Presbiteriana Mackenzie; Mestre em Artes Visuais- UNESP; Especialização Antropologia Cultural - Fesp-SP; Especialização Arte-Educação - USP. Autora de diversos livros, propostas curriculares e materiais educativos, ilustradora, pesquisadora e assessora em projetos de Educação, Arte e Cultura. Contato: solangeutuari@gmail.com